

# O USO DENOTADO E CONOTADO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: O CASO DO *BULLYING*

Bárbara Luzia Serafin (autora)

Leandro Zanetti Lara<sup>1</sup> (orientador)

**Resumo:** Este artigo se presta a fazer uma reflexão sobre o uso de determinados itens lexicais ou expressões da língua portuguesa, tanto na modalidade denotada quanto conotada, no que tange a situações comunicativas marcadas pela atitude de *bullying*. Para tanto, partiremos dos seguintes pressupostos teóricos: do conceito de significação lexical segundo (DE AZEREDO, 2008) e de denotação e conotação (CEREJA, 1999; CEGALLA, 1994; DE AZEREDO, 2008). Na segunda parte do trabalho, analisaremos um conjunto de ocorrências de expressões de *bullying* recolhidas de oitava em ambiente escolar, classificando-as de acordo com seu conteúdo semântico (ou seja, denotado ou conotado), bem como atentando para a produtividade de tais termos.

Palavras-chave: denotação/conotação, ensino do léxico do português, léxico do *bullying*.

## Introdução

Este artigo tem o intuito de analisar a natureza gramatical (sobretudo semântica) das expressões de *bullying*, buscando mapear quais são os meios linguísticos postos a serviço quando das situações comunicativas marcadas pelo confronto de valores sociais.

A justificativa interna para a escolha do tema deste artigo deveu-se ao fato de que crianças e adolescentes no dia a dia, no ambiente escolar, utilizam expressões, quer no sentido literal, comum das palavras, denotativo, quer em sentido não literal, ampliado ou conotativo, provocam ofensas a seus pares, valendo-se de termos que chamaremos aqui de expressões de *bullying*, cuja estrutura buscaremos determinar aqui.

Partiremos, para o estudo destas expressões, das noções de denotação ou conotação, e analisaremos um conjunto de ocorrências destes termos, recolhidos de forma empírica, de oitava, em situações de convívio escolar vivenciadas pela autora deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor da 6ª. edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa.

A justificativa externa para o interesse pelo léxico do *bullying* radica na dura realidade das situações escolares marcadas pelo uso de expressões depreciativas e humilhantes, em que há ofensas aos colegas, principalmente, se esses alunos (vítimas) se encontram em estado de vulnerabilidade (ou são mais jovens, franzinos; ou com sobrepeso; tímidos; ou muito educados, estudiosos; ou não brancos, entre outras razões).

Como é sabido, o termo *bullying* vem do inglês e deriva do substantivo *bully*, que significa “agressor/agressora”, especialmente no ambiente escolar, segundo Oxford (2012, p. 382), e os meios utilizados são diversos no ambiente escolar: verbal (apelidos, xingamentos), moral (difamar, caluniar), sexual (assediar, abusar), psicológico (ignorar, excluir, intimidar, chantagear), material (destroçar, furtar, roubar), físico (empurrar, socar, beliscar, bater), virtual (divulgar imagens, criar comunidades, enviar mensagens, invadir a privacidade). A forma de exteriorização em que ocorrem as ofensas são presentes, na hora do recreio, na saída da escola, mensagens em celular, *bullying* cibernético (por meio eletrônico, *e-mail*, *Facebook*, *Orkut*), entre outros. No dia a dia nas escolas, há termos que estão presentes na fala de alguns alunos, como os seguintes: ‘Ele é um franguelo’; ‘magrelo’; ‘cabeça’; ‘orelhudo’; ‘burro’; ‘*nerd*’; ‘dentuço’; ‘pança’; ‘barrigudo’; ‘*gay*’; ‘bicha’; ‘veado’; ‘sapatão’; ‘machorra’; ‘negão’; ‘fofoqueiro’; ‘bocão’; ‘vileiro’; ‘barraqueira’; ‘loira burra’. Dispensam-se explicações e pormenores dessas acepções, pois, na sua maioria, são conhecidas no ambiente escolar, ou fora dele. O que importa é que esse uso de expressões deve ser adequadamente retomado e repensado, por exemplo, pelo Serviço de Orientação Educacional (SOE) – e por toda a comunidade escolar – para que haja mudança comportamental.

Muitas vezes, quando esses jovens não recebem o apoio necessário, quer atenção e cuidado da família, quer da direção da escola, quer da observação atenta dos professores ou dos órgãos de apoio (SOE, SSE, psicólogos - estes quase inexistentes em escolas públicas) diminuem o rendimento escolar, ou até mesmo se desestimulam em estudar. Mas essas agressões morais reiteradas e até físicas também ocorrem seguidamente, tanto em escolas públicas quanto em escolas particulares. Há casos em que as vítimas se sentem repentinamente desmotivadas. É hora de observar atentamente. Há muitos casos de evasão e até de transferência de escola, e o motivo é quase sempre o mesmo: o aluno não se adaptou àquele ambiente, (ou alegam outro motivo qualquer). Inclusive, foi sancionada uma lei municipal em 24 de setembro de 2012, na cidade de Porto Alegre, que institui a última semana de setembro para discutir essa questão das escolas e outros espaços, que

teve, neste ano, o lema “Juntos contra o *Bullying*”. Através de leituras e palestras, os professores e setores poderão construir uma proposta pedagógica para inibir o *bullying*.

Sabe-se que o *bullying* atualmente é combatido por lei em alguns estados como Santa Catarina, Lei n.º 14.651/2009, de 12 de janeiro de 2009, entre leis de outros estados, e sabe-se que firmemente se deve operacionalizar programas de políticas públicas, como a prevenção e combate a essas condutas reprováveis, quer verbais, quer físicas, ou em qualquer outra modalidade, por meio de palestras, filmes, com cooperação dos órgãos públicos, comunidade escolar, buscando alcançar a consciência dos cidadãos e fomentar o convívio social fraterno. Deve-se desenvolver e executar essa política e deve-se tentar senão erradicar o assédio escolar, pelo menos, num primeiro momento, minimizá-lo.

Assim, justifica-se a escolha do tema em função de que consideramos válida a reflexão do que seria uma sociedade escolar justa, fraterna e solidária, haja vista que está nas mãos dos operadores da educação, como possíveis agentes transformadores da sociedade, colaboradores na formação não só técnica mas também ética das crianças e jovens, posicionar-se frente a esse fenômeno de alta gravidade, sob pena de sermos coniventes com aquele.

Tendo definido os objetivos, os pressupostos teóricos e as justificativas, passemos aos conceitos linguísticos que embasarão nossa discussão.

## **1. Pressupostos teóricos**

### **1.1 Na Gramática Houaiss**

Com vistas à análise do sentido do léxico que faremos mais adiante, convém revermos os conceitos sobre o uso da significação das palavras, sobre o sentido denotado e o conotado. Partamos, pois, dos conceitos referentes a estas noções presentes na Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (DE AZEREDO, 2008).

De Azeredo (2008, pp. 406-7) retoma, para a sua análise da significação das palavras, o trabalho de Ogden e Richards (1923/1972), que baseia a semântica em uma tríade de conceitos inter-relacionados: o símbolo, o referente e o conceito. Segundo o gramático, estes estudiosos ingleses entendem que o símbolo é a própria palavra na sua materialidade fônica ou gráfica, enquanto o referente é o objeto, ser ou entidade do mundo (real ou imaginário) nomeado pelo símbolo, sendo o conceito a imagem mental (o

significado propriamente dito) construída pelos interlocutores. Assim sendo, há uma correspondência entre palavras e objetos do mundo, via conceito, e o ponto central da questão é esclarecer em que consiste o significado (conceito). Outra consequência desta visão triádica é a distinção entre o que sejam referência e denotação. Tomando o símbolo (palavra) como ponto básico, temos dois caminhos nesta tríade, o que leva da palavra ao conceito e o que leva da palavra ao referente. A referência consiste a relação entre uma expressão linguística presente no discurso/texto. Referência é o meio pelo qual as pessoas empregam uma expressão comunicativamente bem sucedida no discurso. Trata-se de um conceito ligado ao texto.

Diferentemente, o sentido denotado é o conhecimento partilhado independentemente da situação comunicativa. Consiste, portanto, o foco do trabalho dos dicionaristas, que procuram descrever o conhecimento lexical da coletividade falante de uma dada língua.

Ainda segundo De Azeredo (2008), sentido conotado, ou conotação, consiste num componente suplementar da significação por meio do qual se expressam nossas atitudes de apreço, desprezo ou repulsa, de tranquilidade ou de pânico. Ainda podem configurar distanciamento ou significação de aproximação, de valorização ou de depreciação, sendo, portanto, a dimensão que porta os aspectos culturais e ideológicos do significado da palavra.

Ainda, a conotação desempenha papel especial de diferenciação dos sinônimos. Como não retrata apenas o sentido dicionarizado, o sentido preexistente, a conotação é o lugar em que ecoam as experiências culturais da comunidade. Acrescenta o autor que “certas palavras são conotativamente mais marcadas que outras, na medida em que revelam juízos de valor de maneira mais ostensiva, outras são usadas de acordo com a modalidade padrão, culta da língua, enquanto outras na modalidade coloquial”. Destaque-se também que o referido autor focaliza que determinadas palavras são conotativamente mais peculiares e marcadas que outras, a saber:

Referimo-nos, por exemplo, à carência de cabelos, notadamente nos homens, com os termos calvo e careca; cada qual presta-se a exprimir conotações peculiares, mas só o segundo, típico da linguagem coloquial, é usado no trato afetuoso ou na referência jocosa. (DE AZEREDO, 2008, p. 406)

Interessante também, a reflexão de De Azeredo (2008) a respeito do tabu:

O tabu é um domínio de significação profundamente impregnado pela conotação, haja vista o modo como as pessoas lidam com palavras e expressões,

sensibilidade à conotação que nos leva a fazer a escolha: entre roubar e afanar, entre sensibilidade e feeling, entre dirigir e pilotar, entre refeição e rango, entre motivo e pretexto.” (De Azeredo, 2008, p. 407)

A conotação responde, portanto, pelo efeito de sentido causado pela possível associação entre uma palavra e uma experiência cultural que matiza sua significação.

## 1.2 Na Gramática Reflexiva

Para Cereja e Magalhães (1999) o sentido denotativo e conotativo das palavras ou expressões são observados a partir dos seguintes exemplos:

Quando dizemos, por exemplo, “O pudim está doce”, estamos empregando a palavra *doce* no sentido que lhe é comum, próprio. Entretanto, quando o eu lírico, isto é, o ser que fala no poema, diz que Maria Lúcia “é um doce nome de filha”, ele não tem apenas uma finalidade de informar, mas construir outro sentido, uma imagem, expressar um estado emocional, afetivo. O mesmo ocorre quando o eu lírico compara o nome Maria Lúcia a “uma lua macia” ou a “um mar que marulha de manso”, ou “Que lembra um pedaço de ilha / Surgindo na madrugada... (CEREJA; MAGALHÃES, 1999, p. 394)

Em todos esses casos, dizemos que a linguagem é ampliada semanticamente e que a palavra empregada com esse novo sentido constitui o uso de sentido conotado.

## 1.3 Gramática de Cegalla

Partiremos dos exemplos de Cegalla (1994), que ilustra as noções de denotação e conotação da seguinte forma:

Comprei uma correntinha de ouro.  
Fulano nada em ouro.

No primeiro exemplo, a palavra *ouro*, denota ou designa simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante de cor amarela: tem sentido próprio, real, denotativo. No segundo, *ouro* sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres; tem sentido conotativo, possui várias conotações (ideias associadas, sentimentos, evocações, que irradiam da palavra). (Cegalla, 1994, p.286)

Assim, para o autor, há certas palavras de grande valor, carga evocativa, ou melhor, carga semântica. Elas são capazes de sugerir muito mais que o objeto designado desencadeando ideias, sentimentos e emoções de toda natureza, exemplificando com

palavras tais como *selva, mar, praia, sol, festa* para a análise da amplitude de uso conotativo.

Vimos até aqui algumas conceituações de denotação e conotação. Retornaremos a estas quando da análise do *corpus* escolhido para esta pesquisa.

## 2. Procedimentos metodológicos

É importante frisar que esse artigo se baseou em uma pesquisa (recolha de dados) não empírica, visando a recolher um conjunto de dados (itens lexicais) por meio de oitiva, por parte da autora deste artigo, dos estudantes no ambiente escolar em contexto de prática do *bullying*. O objetivo foi coletar expressões representativas das situações marcadas por *bullying*, que após a recolha/seleção, foram classificadas em termos de dimensão do conteúdo semântico (denotativo ou conotativo) e de sua estrutura gramatical, conforme se verá na próxima seção deste artigo, reservada à análise.

## 3. Análise de Expressões do caso *Bullying* no ambiente escolar

Apresenta-se um quadro demonstrativo das ocorrências dessas expressões, que, ao todo, formam um conjunto de setenta e nove (79) expressões de *bullying*.

I. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	
DENOTATIVO	CONOTATIVO
1. [ADJ] magro	2. [N] palito
3. [ADJ] magrelo	4. [N] linguíça
5. [ADJ] magrela	6. [N] fiapo de manga
7. [ADJ] magra	8. [N] Olívia Palito
9. [N] orelha grande	10. [N] Topo Gigio
11. [ADJ] orelhudo	12. [N] Dumbo
13. [N]dente grande	14. [N] Pernalonga
15. [ADJ] dentuço	16. [N] Mônica
17. [ADJ] dentuça	18. [N] bolha
19. [ADJ] gordo	20. [N] balão mágico
21. [ADJ] gorducho	22. [N] cotonete de baleia
23. [ADJ]barriga grande	24. [N] rolha de poço
25. [ADJ] barrigudo	26. [N] botijão (de gás)
27. [ADJ] barrigão	28. [N] Fofão
	29. [N] pneu abdominal
	31. [N] Sancho Pança

<b>II. CARACTERÍSTICAS MORAIS</b>	
DENOTATIVO	CONOTATIVO
32. [N] prostituta	33. [ADJ/N] vadia
34. [N] meretriz	35. [ADJ/N] vaga
36. [N] "quenga"	37. [N] sabonete
	38. [N] corrimão de quartel
	39. [N] mulher de vida fácil
	40. [N] roda bolsinha
	41. [N] pegadora
	42. [N] galinha

<b>III. DE GÊNERO</b>	
DENOTATIVO	CONOTATIVO
43. [ADJ/N] lésbica (fem.)	44. [ADJ/N]"gay"
45. [ADJ/N] pederasta (masc.)	46. [N] sapatão
	47. [N]machorra
	48. [N] paraíba
	49. [N] bicha
	50. [N] veado
	51. [N] travesti
	52. [N] puto

<b>IV. COR</b>	
DENOTATIVO	CONOTATIVO
53. [N] Negro	54. [N] tição
55. [N] nego	56. [N] piche
57. [N] negão	58. [N] pé na África
59. [N] Negra	60. [N] navio negreiro
61. [N] nega	62. [N] cabelo de bombril
	63. [ADJ] pixaim
	64. [N] cabelo duro

V. SOCIAL	
DENOTATIVO	CONOTATIVO
65. [ADJ] pobre	66. [ADJ] vileiro
67. [ADJ] desprovido	68. [ADJ] maloqueiro
69. [ADJ] pobretão	70. [ADJ] carroceiro
71. [ADJ] pobretona	72. [ADJ/V] pelado(a)
	73. [N] João ninguém
	74. [P] sem berço
	75. [N] pé-rapado
	76. [ADJ] barraqueira
	77. [ADJ] vileira
	78. [ADJ] maloqueira
	79. [P] beira de trilho

Da classificação feita acima, podemos observar que, no âmbito do conjunto lexical recolhido para esta pesquisa, abundam as expressões: 1. Nominais (47 das 79 ocorrências, o que equivale a 60%); 2. Conotativas (51 das 79 ocorrências, o que equivale a 65%). Poucos os adjetivos propriamente ditos encontrados, como era de se esperar nos casos de situações de confronto, ofensas e discussões. A semântica dos nomes aponta para o uso dos referidos substantivos com o intuito de se estabelecer comparações. Ainda que as anotações das ocorrências tenham sido dos itens lexicais isolados, a partir da constatação de um maior número de nominais, podemos perceber que a base deste tipo de discurso depreciativo, característico das situações de *bullying*, é a estrutura predicativa nominal, aparecendo os citados nominais, na maioria das vezes em posição/função predicativa.

Outro fator a ser destacado dos dados acima é a ocorrência de formas que transitam entre as categorias de adjetivos e nomes, o que é mais uma vez uma característica dos predicativos em português, que albergam majoritariamente ambas estas categorias. Inclusive um uso recorrente de substantivos em posição predicativa pode ser um dos influxos mais importantes para a chamada derivação imprópria, haja vista que esta função faz com que os traços adjetivais do nome em questão sejam ativados e, provavelmente, fixados. Esta hipótese deveria ser investigada com mais vagar e com um *corpus* vasto o suficiente para dar conta da representação do português como um todo. Ainda que tal ultrapasse sobremaneira os limites de um artigo, cabe citar que os discursos de situações de *bullying* talvez tenham sido responsáveis por fixar certos usos adjetivos de formas que eram em princípio estritamente nominais (substantivas). Podemos exemplificar com as

ocorrências de *bicha* e *veado*, que começam como formas estritamente nominais são usadas em pouco a pouco em posições predicativas (“ele é bicha”) até alcançar um *status* mais bem adjetivo, quando passada da função estritamente predicativa para a atributiva: (“escutei um música muito bicha”). No caso de *veado*, a prova de que uma forma exclusivamente nominal incorpora “ares” de adjetivo se dá quando constatamos que, seja em posição atributiva ou predicativa, possa tal forma passar a exigir a concordância nominal, como se pode ver em usos mais modernos (“a minha amiga viada” “uns cílios muito viados”). Casos extremos deste processo de derivação imprópria seriam aquelas formas nominais que abandonam de todo sua prévia natureza nominal passando a ter função de (e, portanto, a pertencer à) categoria adjetival. Exemplo é a ocorrência *pixaim*, que, segundo Houaiss (2001) na origem significava “cabelo crespo” e na sincronia pode ser somente adjetivo, cuja semântica corresponde a “que possui cabelo crespo”.

### **Considerações finais**

Com base na análise do exemplário, concluiu-se que os itens lexicais conotados são bem mais produtivos do que os denotados, possivelmente em função das necessidades comunicativas presentes nas situações de *bullying*, marcadas pela intenção de estabelecer-se comparações de toda sorte, donde o uso reiterado de expressões com ampliação e modificação semânticas. Isto do ponto de vista semântico.

Do ponto de vista gramatical (morfológico), percebemos que o discurso de *bullying*, por fazer uso extensivo de formas nominais em posição/função predicativa, é um propiciador para a formação derivativa de tipo imprópria, responsável, portanto, por criar, a partir de nomes, via a aplicação em predicções, novos adjetivos na língua. Tal processo poderia ser resumido da seguinte forma:

N → N (função predicativa, uso frequente) → N/A (confluência de funções)  
→(eventualmente, nem sempre) A (uso exclusivo, sendo vedado o uso como N).

## **Referências Bibliográficas**

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa: significação das palavras; figuras de linguagens*. 37ª. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

CEREJA, W.R; MAGALHÃES, T C. *Gramática Reflexiva*. São Paulo: Atual, 1999.

DE AZEREDO, J. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

DA SILVA, M. Juremir. *Ódio gratuito*. Correio do Povo. Porto Alegre, 21 de agosto de 2012.

OXFORD. *Dicionário escolar para estudantes brasileiros de inglês*. Oxford: Oxford University Press, 2012.